

OS TOPÔNIMOS CONTAM A CIDADE: OS NOMES DOS BAIRROS DO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA-PA

THE TOPONYMS TELL THE CITY: THE NAMES OF THE
NEIGHBORHOODS
IN THE MUNICIPALITY OF BRAGANÇA-PA

Emanoel Avelino Câmara (UFPA)
0009-0001-6267-1112



Tabita Fernandes da Silva (UFPA)
0000-0001-8453-5018



Como citar: CÂMARA, E. A., SILVA; T. F. da. Os topônimos contam a cidade: os nomes dos bairros do município de Bragança-PA. *Miguilim* – *Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 14, n. 1, p. 73-98, jan.-abr. 2025.

doi: 10.47295/mren.v14i1.1701
recebido em 01/05/2024 – aprovado em 24/11/2024



Resumo

Os nomes que denominam pessoas e lugares têm elevada importância para uma sociedade, não apenas pelo aspecto linguístico em si, mas pela carga social, histórica, geográfica e cultural que comunicam. Com base nisso, o presente trabalho traz um estudo toponímico inicial acerca dos nomes dos bairros da cidade de Bragança, no estado do Pará (BR). Concentra-se no estudo das motivações toponímicas e etimológicas, subjacentes aos nomes dos bairros desse município, valendo-se, para tal, de pesquisa bibliográfica e documental, a partir de uma abordagem qualitativa. Tomam-se como aporte teórico as obras de Dick (1990), Sousa e Dargel (2017), Cavalcante, Santos e Santos (2018), Carvalhinhos e Santos (2021) e Carvalhinhos e Lima (2023). Para o estudo dos topônimos, utilizam-se mapas da cidade disponibilizados pela prefeitura e pelo site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como documentos oficiais que abordam a história do município, juntamente com a obra de Oliveira (2017), que trata de acontecimentos importantes das vivências de Bragança, pertinentes a este estudo. A pesquisa considera que o acervo toponímico urbano do município de Bragança-PA carrega o potencial de contar aspectos fundamentais da história de tal lugar.

Palavras-chave: Motivação toponímica. Topônimo. Bragança. Bairros.

Abstract

Naming people, things, and places carries great power, and not just because of the word itself, but because of the linguistics, social, historical, geographical, and cultural heft they carry. Based on this, this research provides an initial toponymic analysis of the names of neighborhoods in the city of Bragança-PA, based on qualitative bibliographical and documentary research, which focuses on studying the toponymic motivations behind the names of neighborhoods, along with the history, characteristics and motivations that led to their naming. Therefore, we used the theoretical contributions of Dick (1990), Sousa and Dargel (2017), Cavalcante, Santos and Santos (2018), Carvalhinhos and Santos (2021), and Carvalhinhos and Lima (2023), whose contributions to toponymy studies are significant; maps of the city made available by the city hall and the website of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE/BIGS); official documents of the city that deal with the history of the city; in addition to the study by Oliveira (2017) that deals with important events in the experiences of Bragança, which were relevant to this study.

Keywords Toponymic motivation. Names. Bragança. Neighborhoods.

INTRODUÇÃO

Os nomes que denominam pessoas, objetos e lugares têm importância crucial, não apenas pela palavra em si, mas pelo peso social, histórico, geográfico e cultural que carregam, afinal, "[...] O processo de nomear elementos do mundo, lugares, objetos, pessoas é uma atividade inerente ao ser humano, uma vez que é desse modo que este se apropria do próprio mundo" (Cavalcante, Santos e Santos, 2017, p. 802).

A continuidade dessa prática humana revela o quão necessário é nomear coisas e pessoas, mais do que pelo ato denominativo em si, mas pelo lugar de importância que o nome escolhido passa a ter no grupo social. Certamente por tal relevância é que o nome não é criado de maneira aleatória, mas, sim, a partir de um leque de influenciadores internos e externos ao indivíduo, tais como carga cultural, ideológica, mitológica, referencial, denotativa, simbólica e representativa social e motivacional, como afirma Isquerdo (*apud* Sousa; Dargel, 2017, p. 13). Em outras palavras, no ato de nomear está "[...] para além das características linguísticas, a história, a cultura e a religiosidade de uma dada comunidade. O nome próprio é um produto cultural que projeta a própria história de uma comunidade" (Sousa; Dargel, 2017, p. 13).

Todos os aspectos que influenciam um determinado grupo a utilizar características específicas para nomear algo demonstram uma intenção do indivíduo/da comunidade, a que Isquerdo chama de motivação. E com isso se percebem as intenções desse indivíduo/grupo para a criação do nome, sendo estas as mais diversas, que vão desde a localização do espaço físico até a homenagem de pessoas significativas. A exemplo disso, temos o grande aumento no Brasil, desde o início deste século, de bebês com o nome Enzo, que obteve um crescimento vertiginoso em um curto espaço de tempo. Segundo o site *O Tempo*, esse aumento pode ter sido influenciado pelo fato de a atriz Cláudia Raia, que estava no auge de sua carreira, obtendo grande visibilidade na mídia e popularidade entre o público nas décadas de 1990 e 2000, batizar o seu primeiro filho, Enzo Celulari, nascido em 1997, filho do também ator Edson Celulari, com esse nome.

A partir disso, fãs da atriz, e também do ator, começaram a atribuir o nome Enzo a seus filhos, ganhando grande proporção na geração atual. Isso foi percebido, não apenas em sites de notícia e entretenimento, como Gshow e UOL que noticiaram essa ocorrência, mas, sobretudo, nos dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mostram um

registro de cerca de 44.056 pessoas com o nome de Enzo no período de 1990 à 2000, contra 2.088 registros de 1980 à 1990.

O impacto desse nome foi tamanho no Brasil, que serviu e serve como marco de uma geração: “A geração dos Enzo’s”. Isso é perceptível por meio de publicações e comentários em redes sociais, em que é notável o uso do nome Enzo para se referir aos jovens que sejam da chamada “geração Z” (nascidos de 1997 a 2010), independente de seus nomes originais.

Outrossim, se há uma motivação por trás da escolha de um nome próprio de pessoa ou lugar, que ocorre por influências internas e externas, há, também, a origem desse nome. Percorrer o caminho para essa descoberta, raramente transparente, implica conhecer um povo, não apenas sua história ou sua língua, ou sua cultura, mas também conhecer as necessidades que o movem e o impulsionam a tomar decisões, pois é isto que subjaz aos nomes: uma decisão, afinal, “o homem nomeia e atribui categorizações a algo conforme a própria necessidade de vida social” (Sousa;Dargel, 2017, p. 9). Desse modo, então, nada que esteja relacionado a um nome se distancia da identidade do indivíduo/comunidade, mas sim, representa-o, constituindo-se como uma espécie de mostra da realidade com a qual se vincula.

Partindo desses pressupostos, esta¹ pesquisa concentra-se em estudar as motivações denominativas subjacentes aos nomes dos bairros do município de Bragança-PA, para conhecer a história dessas escolhas e analisar os dados adquiridos, a fim de mapear os topônimos dos bairros, juntamente com a história, características e motivações que levaram à atual nomeação desses espaços.

Para isso, este estudo realiza pesquisa bibliográfica e documental. Assim, embasa-se, teoricamente, nos estudos lexicológicos onomásticos, na vertente da toponímia, fazendo uso das abordagens de Dick (1990), Sousa e Dargel (2017), Cavalcante, Santos e Santos, Carvalhinhos e Santos (2021) e Carvalhinhos e Lima (2023), cujas contribuições são cruciais para os estudos de toponímia no Brasil. A pesquisa documental utiliza os mapas da cidade de Bragança disponibilizados pela prefeitura e pelo site do IBGE, segundo o censo de 2010, que serão fontes de dados desta pesquisa. Além desses aportes, visita-se a obra histórica *Alma das Ruas*, de Oliveira (2017), que traz dados históricos, demográficos e estatísticos sobre Bragança e documentos oficiais da cidade nos quais constam informações pertinentes à temática deste estudo. Até o presente não foi realizada pesquisa de campo, mas essa é uma etapa projetada com o fim de ampliar e aprofundar este estudo que está em sua fase inicial.

1 Este artigo resulta da fase inicial de estudo que é parte de um projeto maior sobre a Toponímia Urbana de Bragança-PA a ser desenvolvido no PPLSA- Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia.

ONOMÁSTICA: UM LUGAR CIENTÍFICO PARA OS NOMES PRÓPRIOS

A Onomástica é um campo de estudo em que “se parte da análise do nome, elemento da língua (ou item onomástico) para os outros condicionantes que o envolvem, além dos aspectos relacionados à linguagem” (Sousa; Dargel, 2017, p. 12). Em outras palavras, a Onomástica estuda os nomes próprios referentes a pessoas e lugares, não apenas pelo viés linguístico, mas sim por um olhar abrangente, interdisciplinar, “como um dos ramos da Linguística a refletir, além da língua, aspectos da cultura, História, Geografia, Etnografia, Antropologia, Psicologia etc. de uma comunidade social” (Sousa; Dargel, 2017, p. 11). Esse caráter interdisciplinar da Onomástica estende-se às suas duas vertentes, tanto à antroponímia, voltada para o estudo dos nomes próprios de pessoas, quanto à toponímia, que é o estudo dos nomes próprios de lugares, sendo esta a vertente do presente estudo.

Importa reiterar que, para analisar os nomes próprios, sob o viés onomástico, é preciso ter ciência dessa natureza interdisciplinar, pois não há como realizar o estudo em sua totalidade sem enveredar por outras áreas do conhecimento além dos estudos do léxico, pois “evidencia-se o fato de que se torna difícil demarcar os limites ou determinar qual prevalece em termos de influência de um elemento em relação ao outro” (Sousa; Dargel, 2017, p. 10). Por causa desse entrelace entre língua, cultura e indivíduo, há essa necessidade de não fechamento das áreas do conhecimento, mas sim de uma intersecção entre estas para o campo de estudo. Não obstante a riqueza de conhecimento que há com essa junção, é preciso também se exercer cuidado ao se estudar nomes próprios, pois essa dificuldade de delimitação de área de estudo pode ampliar a pesquisa ao ponto de não ser suficiente para o que se propõe.

TOPONÍMIA

Como dito anteriormente, a toponímia é uma vertente da Onomástica que estuda os nomes próprios referentes a lugares. Sousa e Dargel (2017, p. 8) afirmam que “os estudos toponímicos se constituem como resultados das relações sociais existentes entre o homem e sua comunidade e também a relação entre homem, comunidade e natureza, numa visão interdisciplinar e intercultural”.

Partindo dessa relação entre o ser humano e o espaço sociogeográfico ao seu redor, cria-se uma motivação para a nomeação, que torna o topônimo funcional. Sobre isso, Dick (1990, p. 289) afirma que essa

funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo.

Essa motivação, segundo a autora, manifesta-se de duas maneiras: intenção e semântica. Com a intencionalidade, o grupo social demonstra sua escolha em meio a circunstâncias diversas (espaço físico, prestação de homenagem a seres e objetos, cultura, história do lugar, entre outras), na qual elege um determinado nome para um acidente geográfico em questão. Já com a semântica, a motivação é perceptível pela origem semântica da palavra escolhida como nome, que revela as precedências que levaram a essa escolha. Assim, o topônimo tem as características internas e externas à língua onde está inserido, sendo, também, um reflexo do grupo social nomeador.

Por causa disso, apesar de a toponímia estar arraigada no estudo do léxico, sua abrangência de análise é extremamente ampla, como foi citado anteriormente. De acordo com Dick (1990), o estudo da toponímia não se restringe à investigação linguística ou etimológica, pois procura também a significação dos nomes dos lugares, extrapolando a esfera linguística. Dessa forma, leva em consideração também os aspectos geo-históricos, socioeconômicos e antropoculturais. (Dick *apud* Santos, 2016, p. 173). Assim, a toponímia analisa as motivações nas nomeações desses acidentes geográficos, como são chamados.

Um acidente geográfico é qualquer mudança que ocorre na superfície do planeta, que contribuiu para a formação de algo. Desse modo, qualquer espaço ou objeto em nosso planeta pode ser considerado um acidente geográfico, pois ele sofreu mudanças ao longo do tempo para ser como é hoje, seja uma caverna criada por um terremoto, uma casa construída por uma família ou uma área desértica criada pela falta de chuvas, são acidentes geográficos.

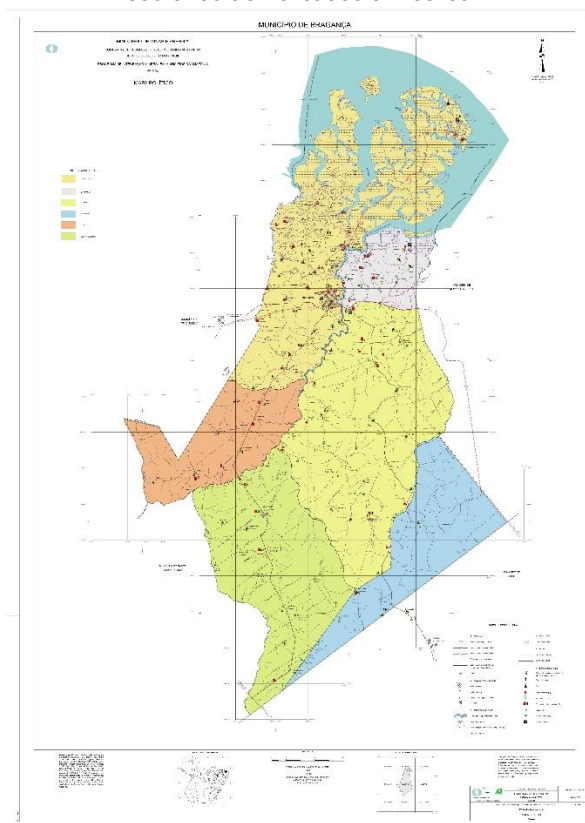
Partindo do estudo toponímico de Dick (1990), há duas vertentes para analisar os nomes dos acidentes geográficos: físico e humano, sendo acidentes físicos os lugares formados pela natureza e os acidentes humanos os lugares formados ou modificados pela ação humana. Nesta pesquisa em questão, é feita uma análise toponímica dos acidentes humanos da cidade de Bragança, no estado do Pará, referentes aos nomes dos bairros do local.

CONHECENDO BRAGANÇA-PA

O município de Bragança está localizado no nordeste do estado do Pará, com cerca de 2.124,734 km² de área e aproximadamente 123.082 habitantes, segundo o último censo do IBGE de 2022, com densidade demográfica de 58 habitantes por km². Quem nasce em Bragança é

chamado bragantino. A cidade é banhada pelo rio Caeté, uma foz do oceano Atlântico que atravessa a cidade, além de ter parte do território banhado também pelo Atlântico, através da praia de Ajuruteua. Abaixo segue um mapa do território do município:

Figura 1: Mapa político da cidade de Bragança, com a zona urbana destacada ao centro e as zonas interioranas e costeiras demarcadas em cores.



Fonte: BRASIL. Município de Bragança-PA: Programa de Integração Mineral em Municípios da Amazônia – PRIMAZ. Serviço Geológico do Brasil / Ministério de Minas e Energia, 1998. Disponível em: <https://rigeo.cprm.gov.br/bitstream/doc/14754/2/Mapa%20Pol%C3%ADtico.pdf> Acesso em: 09/03/2024.

O comércio é marcado pela agricultura, pecuária e extrativismo pesqueiro (tanto do rio quanto do mar), ambas as áreas para comercialização local e exportação, e pelo turismo (seja na zona urbana da cidade ou nos inúmeros rios e balneários que o município possui, além também da praia de Ajuruteua). O foco do comércio de exportação se dá com a farinha de mandioca, açaí, pescados, entre outros. Bragança é considerada uma das cidades mais antigas do Pará, com seus mais de 400 anos, e possui vastas riquezas naturais, históricas e culturais, havendo, porém,

controvérsias em relação à exatidão da idade da cidade, devido a carências de comprovação documental dos períodos.

Segundo a obra *História de Bragança*, que faz parte do acervo documental da história da cidade, os primeiros habitantes do território de Bragança foram os indígenas apotiungas (também chamados de caités) da nação dos tupinambás, que presenciaram em 08 de julho de 1613 a chegada dos homens da expedição francesa Daniel de La Touche, senhor de *Lá Ravardièré*, em frente a sua aldeia às margens do rio Caeté – ou Caité = caa + y + eté = mato bom, verdadeiro, na língua tupi – (Rodrigues, 2010). Esses primeiros homens brancos que chegaram foram bem recebidos pelos indígenas e por isso chamaram o local de Benquerença, que significava que “os índios bem quiseram os franceses”. Devido a isso, a cidade comemora seu aniversário todos os anos no dia 08 de julho, data de sua fundação. No entanto, apesar de haver registros da passagem dos franceses no solo bragantino no período citado, carece-se de provas contundentes da instauração de um povoado neste mesmo período.

Paralelo a isso, a região referente ao município de Bragança, à época do início do séc. XVII, pertencia à capitania do Gurupi, local que fora “doador por Felipe III, de Espanha, para Gaspar de Sousa, Governador-Geral do Brasil, através de carta de 9 de fevereiro de 1622”, segundo o site do IBGE. Porém, em 1633, o então governador do Maranhão e do Grão Pará, Francisco Coelho de Carvalho, doou ao seu filho, Feliciano Coelho de Carvalho, a capitania a qual pertencia o território que formou Bragança. Descontente com isso, o filho de Gaspar de Sousa, Álvaro de Sousa, contestou a doação diante da corte de Madri, alegando que a capitania pertencia a seu pai e, portanto, era sua por direito.

A coroa espanhola acatou a contestação e reprovou a doação para Feliciano. Então, confirmada a posse de Álvaro de Sousa, a fim de desenvolver a sua capitania, ele, então, fundou em 13 de fevereiro de 1634 a sede de sua capitania na margem direita do rio Caeté, um povoado chamado Sousa do Caeté (Bragança, 1965, p. 49). Vale ressaltar que, apesar de o sobrenome de Souza ter sido encontrado escrito com “z” no site do IBGE, em livros e documentos da cidade o povoado está escrito Sousa com “s”, o qual foi mantido neste estudo.

O nome Bragança veio a ser atribuído somente em 1753 quando Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador da Província do Grão Pará na época, transferiu o povoado para a margem esquerda do rio, a fim de facilitar a comunicação e as relações comerciais com a capital Belém. Segundo documento oficial da cidade, o nome foi escolhido por Álvaro de Sousa (Bragança, 1965, p. 52) em homenagem à dinastia Bragança (também conhecida por Brigantina), bem como também, como forma de demonstração de poder por parte de Portugal ao inserir nomenclaturas portuguesas em territórios brasileiros. Sendo assim, o povoado Sousa do Caeté passou a ser chamado Vila Bragança, eventualmente ascendendo ao status de cidade em 02 de outubro de 1854 e perdendo a taxonomia “vila” de sua titulação.

Ressalta-se que, na margem esquerda do rio estavam presentes aldeias indígenas caités, segundo d'Abbeville, 2002 (apud Oliveira, 2017, p. 141): “algumas 20 ou 24 aldeias, mui povoadas”. Então, devido à existência dos povos caités antes da fundação de Vila Bragança, o território passou a ser de convivência entre indígenas e estrangeiros, bem como também dos novos brasileiros (nascidos no Brasil, seja por povos advindos de fora do país ou de miscigenação interétnica). No entanto, é importante frisar que essa convivência ocorreu de modo separado no início, como abordado por Oliveira (2017, p. 11) que diz:

Em 7 de junho de 1755, cf. relatório do sr. Feliciano Ramos Nobre Mourão, Ouvidor Geral da Comarca, Anais do Arquivo Público do Pará, págs.112-140, a Vila de Bragança, antigamente denominada Caeté, tinha duas povoações separadas, como da Praça das Mercês a Santo Antônio. Em uma povoação residiam os europeus, e em outra, os índios.

Ainda segundo Oliveira (2017, p. 11), a população de Bragança em 1764 era de 241 pessoas no povoado europeu e 122 no povoado indígena, totalizando 363 habitantes. Em relação a isso, conforme ocorria um crescimento populacional e urbano nos períodos seguintes, surtiram maiores interações sociais entre os povoados, o que resultou nas misturas de povos como é atualmente, bem como também em grandes riquezas linguísticas no local, com termos de ambas as vertentes linguísticas, ou até com mesclas entre elas, sendo usados para nomear pessoas e lugares.

Foi somente com a ascensão de Vila Bragança à cidade de Bragança, em 1854, que começou a haver um olhar para o crescimento econômico do município, que até então era restrito apenas ao âmbito regional. Diante disso, dada a sua localização geográfica privilegiada, que consistia em um porto entre Belém e São Luís, Oliveira (2017) afirma que foi criado na segunda metade do século XIX um projeto do governo imperial, que foi continuado pelo governo republicano, para transformar Bragança em um “celeiro agrícola”, na intenção de abastecer Belém e Manaus (no estado do Amazonas), fato que elevou a posição da cidade no comércio regional e nacional. Ao fornecer farinha de mandioca, pescados, algodão, feijão, entre outros produtos, Bragança começou a atender as demandas do estado do Pará e outros locais. Essa posição de polo distribuidor de mercadorias continua na cidade até os dias de hoje, com foco para farinha de mandioca, pescados, açaí, cacau, entre outros produtos.

Graças a essa importância econômica de Bragança e à sua posição geográfica, a região se instaurou como um município de três zonas territoriais, a urbana, a rural e a litorânea. A zona urbana corresponde à cidade Bragança, o local com maior densidade populacional e habitações, além de maior desenvolvimento socioescolar. A zona rural diz respeito aos campos pertencentes ao território do município, onde ocorrem em larga escala as produções agrícolas e, segundo o

IBGE o município possui 6 distritos, sendo: Bragança, Almoço, Caratateua, Nova Mocajuba, Tijoca e Vila do Treme, possuindo ainda, muitos outros interiores (taxonomia regional utilizada para se referir a quaisquer locais da zona rural, seja uma vila, um povoado, uma comunidade, uma mata) dentro do território desses distritos.

Por fim, a zona litorânea que corresponde à região costeira do município, banhada pelo oceano Atlântico, onde há a Reserva Extrativista Marinha de Caeté - Taperaçu (RESEX), uma unidade de conservação brasileira de uso sustentável da natureza, e a praia de Ajuruteua, um dos pontos turísticos mais visitados do município, que se divide também em praia grande e Vila dos Pescadores, sendo a praia grande um local para banhistas, com muitas pousadas, restaurantes, vendedores ambulantes, enfim, um lugar voltado especificamente para o turismo, sobretudo na época de veraneio; enquanto a Vila dos Pescadores é morada de muitas pessoas, a maioria de família de pescadores (como o nome infere), havendo escola e posto de saúde no local para os moradores; possui um fluxo marítimo mais calmo, o que privilegia a pesca; no entanto, o turismo também é bastante valorizado na vila para os visitantes que buscam um passeio mais tranquilo.

A TOPONÍMIA DOS BAIRROS DE BRAGANÇA

Como vimos no tópico anterior, o município de Bragança possui uma trajetória histórica que mescla muitos povos. Desde o início com os apotiangas até a atualidade, o local passou por grandes contatos entre povos, todos muito distintos entre si, com relações de poder entre eles impulsionando os contatos e os tipos de contatos.

Com isso, temos um povo rico histórica e culturalmente, o que influenciou de diversas formas o modo de falar de seus habitantes e, conseqüentemente, a sua maneira de nomear locais. A exemplo disso temos o topônimo *Ajuruteua*, nome dado à praia local, que é uma palavra de origem tupi (provavelmente de origem apotiangá, dada a vivência desse povo no local) que se aproxima da significação "terra de muito ajiru" ou "terra de ajiru em abundância". O topônimo *Ajuruteua* divide-se em dois termos: Ajuru, que é o nome local dado a um fruto comum da região litorânea, também chamado de ajiru + teua², palavra de origem tupi que, geralmente, é usada como sufixo, significando "lugar de" ou "terra de", ou mesmo sendo entendido como muito, abundante, bastante, e quando usado para o nome de algum local, indica que aquele lugar tem

2 Segundo Mendes (1942, p. 93-94.) haveria três sufixos tupi: teua-deua-tuba-, designando abundância de qualquer espécie animal ou vegetal: "arrumadeua" "assahyteua" "carananduba". Para (Stradelli (1929, p. 691.)) haveria um sufixo Tyua - com a significação de lugar, sítio, terra, de onde provém, abunda e frequente alguma coisa(...). [Algumas vezes se encontra e se houve confundir-se Tyua com Téua, mas é erro e pouca atenção. Téua exprime sempre uma idéia frequentativa e muitas vezes pejorativa, que Tyua não tem.

abundância de algo. Essa terminologia sufixal teua é bastante comum nesta região bragantina, utilizada para nomear lugares que eram abundantes de algo mencionado em seu topônimo. A exemplo disso temos os termos Caratateua (terra do caranguejo), Bacuriteua (terra do bacuri), Açaiteua (terra do açaí): nomes de comunidades/zonas rurais do município e arredores e foram/são conhecidos pela fartura de um produto (Paulo, 2013).

Assim, sabendo-se que o ato de nomear parte de uma motivação do indivíduo, pois “o topônimo é revestido de um caráter motivador em seu ato de criação” (Isquerdo; Dargel *apud* Sousa; Dargel, 2017, p. 15), quais seriam as motivações que influenciaram nas escolhas dos nomes de cada bairro? O topônimo permaneceu ou sofreu alteração com o passar dos anos? Se mudou, por que mudou? Existe sobreposição de um termo (antigo ou novo) sobre o outro? Quais as motivações e influências subjacentes a esses fenômenos? E nas nuances de todos esses fatores discutidos, está a realidade social, histórica, cultural e linguística influenciando nas escolhas.

METODOLOGIA

Neste artigo, o marco temporal para a seleção dos topônimos dos bairros da cidade de Bragança estende-se até o censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE), que apresenta treze bairros oficiais no total. Novos bairros surgiram após essa data, mas estes são objeto de estudo, ainda em andamento, do mapeamento toponímico geral de Bragança. Assim, no presente estudo, são utilizados dados do site oficial do IBGE, ibge.gov.br, disponibilizados pela prefeitura de Bragança, bem como também pelas contribuições de Oliveira (2017), que traz levantamentos históricos sobre a cidade.

A análise aqui proposta considera o modelo taxionômico de Dick (1990) quanto à formação lexical do topônimo, relacionando tal formação aos aspectos sociohistóricos, embora não se atenha à análise da estrutura morfológica do topônimo. Assim, a análise contempla a origem, a criação, o contexto histórico de criação dos topônimos e a mudança do topônimo ao longo dos anos, quando é o caso, de maneira comparativa.

Em virtude de este estudo ainda estar em sua fase inicial, ainda não foram realizadas pesquisas de campo, de modo que as explicações dadas sobre as motivações toponímicas têm como fonte principal as obras Alma das Ruas (2017), de Oliveira, e Sinopse de Bragança (1963), de Pereira. Essas obras não são de natureza toponímica, mas os dados que reúnem sobre a organização do espaço do município de Bragança-PA embasam e possibilitam as análises aqui apresentadas. É importante destacar que este estudo ainda não lança mão das muitas narrativas conhecidas na cidade acerca das motivações toponímicas dos bairros do município de Bragança-PA.

Por fim, para embasar o significado de taxonomias encontradas, foi utilizado o dicionário *Vocabulário Português-Tupi / Tupi-Português*, de Viégas (1971), no reforço da compreensão das significações de matriz indígena presentes nos topônimos encontrados.

COMPREENDENDO O CONCEITO DE BAIRRO

Os topônimos tomados como objeto neste estudo referem-se aos bairros do município de Bragança, uma das várias unidades de subdivisão do espaço geográfico urbano. Mas, afinal, o que viria a ser um bairro? Segundo Barros (2002, p. 61), bairro “corresponde à dimensão de território ideal para a reivindicação coletiva” (Barros, p. 61). Trata-se das divisões sociopolíticas e geográficas de uma cidade, que contribui na organização e na identificação do espaço.

Assim, essas subdivisões são criadas com a intenção de facilitar a administração de uma cidade, pois, conforme as cidades crescem, tornam-se necessárias estratégias de organização espacial; então, subdivide-se a área para melhorar a localização e administração. Desse modo, é feita a divisão em regiões denominadas de bairros. Ademais, “[i]negavelmente, o bairro constitui hoje a unidade urbana, a representação mais legítima da espacialidade de sua população” (Wilheim *apud* Barros, 2002, p. 6). Essas unidades são de dimensões variadas, tendo seus limites escolhidos por diversas circunstâncias, como origem do logradouro, área de pertencimento, espaço geográfico, entre outras.

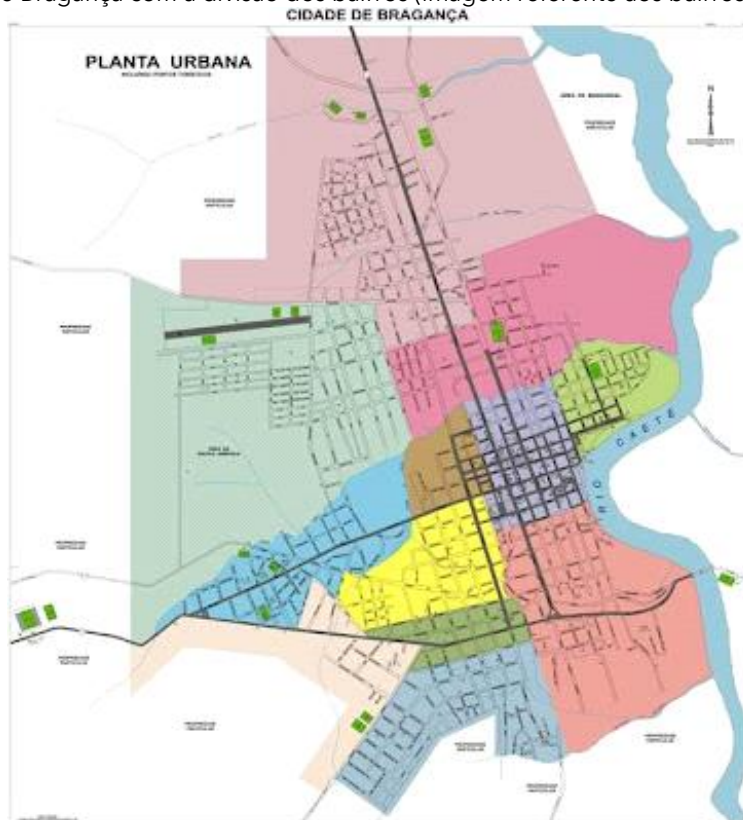
CONHECENDO OS BAIRROS

Até o penúltimo censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE) em 2010, Bragança era subdividida em um total de 13 bairros oficiais em sua zona urbana, a saber: Aldeia, Alegre, Centro, Cereja, Morro, Padre Luiz, Perpétuo Socorro, Riozinho, Vila Nova, Vila Sinhá, Samaumapara e Taíra, como mostra o mapa a seguir:

01. Aldeia		08. Riozinho	
02. Alegre		9. Vila Nova	
03. Centro		10. Vila Sinhá	

04. Cereja		11. Samaumapara	
05. Morro		12. Taíra	
06. Padre Luiz		13. Jiquiri	
07. Perpétuo Socorro			

Figura 2 – Mapa de Bragança com a divisão dos bairros (imagem referente aos bairros do censo de 2010).



Fonte: PMB/SEPLAN, 2008 *apud* RODRIGUES, D. Os bairros de Bragança. Prof. Dário Benedito, 21 de mar. De 2011. Disponível em: <http://profdariobenedito.blogspot.com/2011/03/os-bairros-de-braganca.html> Acesso em: 18 de jul. de 2023

Após esse período, a cidade sofreu mudanças de urbanização que modificaram esse quadro. Novos bairros surgiram, devido a necessidades sociais e administrativas que também colaboraram para a criação e atribuição de seus nomes. Mas, ainda que novos bairros tenham surgido após esse quadro inicial, os bairros já existentes têm uma história. Qual é essa história? Como isso influenciou na elaboração dos topônimos correspondentes?

Partindo dessas indagações, a análise dos topônimos referentes aos bairros oficiais da cidade de Bragança, provenientes do censo do IBGE de 2010, contempla a origem, a criação dos

topônimos, o contexto histórico local e as mudanças do topônimo ao longo dos anos, quando for o caso, de maneira comparativa. O propósito geral do estudo assenta-se na ideia de que a história do topônimo conta a história do próprio município de Bragança.

Os comentários a seguir consideram cada topônimo, separadamente, seguindo a ordem alfabética da língua portuguesa.

ALDEIA

O bairro da Aldeia é considerado o primeiro a ser criado em Bragança, tendo sua origem creditada em 1753, quando Bragança, até então chamada de Sousa do Caeté, após o decreto do governador Mendonça Furtado em 11 de outubro daquele ano, foi realocada para a margem esquerda do Rio Caeté, e elevada ao status de vila, sendo batizada de Vila Bragança. Nessa região da margem esquerda do rio, porém, havia muitas aldeias indígenas, cerca de 20 a 24 aldeias como já mencionado em tópicos anteriores. Então, com o passar dos anos, conforme a vila foi crescendo e se expandindo, aquele espaço tornou-se um logradouro, que passou a ser conhecido pelo topônimo Aldeia, a ponto de tornar-se o nome oficial do bairro até os dias de hoje.

ALEGRE

Segundo Oliveira (2017), havia, no início do século XX, um sítio chamado “Sítio Alegre”, na região onde hoje se concentra o bairro em questão, localizado cerca de 500 metros do Cemitério Santa Rosa de Lima. Esse sítio, que pertencia a um indivíduo chamado João Crispim, era muito visitado nos fins de semana, tornando-se popular na cidade. Conforme a cidade foi crescendo e com uma nova reorganização urbana, naquele século, o logradouro passou a ser chamado, oficialmente, de bairro do Alegre, ou bairro Alegre. Ademais, de acordo com um documento oficial da história da cidade, disponibilizado pela biblioteca pública de Bragança, o bairro Morro, que será abordado em tópico posterior, fazia parte do território do bairro Alegre.

CENTRO

Com o crescimento urbano da cidade de Bragança desde sua elevação a vila, o comércio passou a ganhar destaque na cidade a partir do último decênio do século XIX. Considerando o crescimento da cidade, uma zona foi organizada e preparada para ter uma maior presença de estabelecimentos comerciais, o que originou um logradouro comercial. Devido à localização desse bairro ficar, propositalmente, na região central da cidade, era chamado de centro. “Vou ao

centro da cidade comprar algo”, por exemplo, era, e ainda é, uma forma de se referir ao local. Quando foi oficializado como bairro durante a reorganização urbana no século XX, então, aderiu-se ao topônimo popular usual. No entanto, outros topônimos também eram, e alguns ainda são, utilizados para se referir ao bairro comercial da cidade, sendo “comércio”, “feira” e “cidade” alguns dos mais conhecidos; este último, inclusive, é um topônimo muito comum em falas de moradores das zonas rurais de Bragança, que utilizam esse termo “cidade”, quando vêm à Bragança, para se referir à zona comercial, “Amanhã vou pegar o ônibus para ir lá na cidade” por exemplo.

Vale ressaltar que, em razão de seu objetivo voltado ao comércio, não é um bairro apropriado para residências, pelo grande número de estabelecimentos comerciais bem como pelas características comuns do espaço, tais como excesso de poluição sonora e visual, provenientes das propagandas cotidianas e da movimentação de vendedores e clientes.

CEREJA

Oliveira (2017) afirma que, por volta de 1910, morava na região desse futuro logradouro, mais precisamente no início da Travessa Aureliano Coelho com a Avenida Duque de Caxias, o Sr. Antônio Cerejo, dono de um sítio chamado Orabolas que abrangia parte do Rio Grande, considerado o principal rio que corta a cidade de Bragança. Sua propriedade ficou popular por servir de balneário para as famílias bragantinas. Devido à popularidade do sítio, as pessoas começaram a chamar de Rio do Senhor Cereja, o que, com a reorganização dos bairros, ocasionou na fixação do topônimo oficial do logradouro como Bairro Cereja (também chamado de Bairro do Cereja). Em adição a isso, segundo Bragança (p. 145), o logradouro tinha o nome oficial de *Ora Bolas* que, popularmente, possuía uma parte chamada de Cereja e outra de Lagôa, divisão aglutinada, posteriormente, para Cereja. Há a possibilidade de o topônimo do bairro ter influenciado o topônimo do sítio, Orabolas, ou o inverso, porém não foi encontrada comprovação para esta irresolução.

Ademais, essa popularização do nome *Cereja* também influenciou no(s) topônimo(s) do rio que atravessa o bairro, o Rio Grande, o qual corta a cidade por cerca de 4 quilômetros de extensão, e ao longo desse percurso recebe uma variação toponímica: Rio do Tubo, Rio do Bancrevea, Rio do Orabolas, Rio do Cereja ou Rio Cereja, Rio do Pedro Pretinho, sendo algumas denominações mais usadas que outras. Na extensão que atravessa o bairro do Cereja, os topônimos mais comuns para esse trecho do rio são Rio do Cereja e Rio Cereja, justamente pela mesma influência que ocasionou na nomeação do logradouro. Isso, inclusive, causa confusão nas pessoas; muitas acreditam que o bairro tenha recebido o nome por influência do rio, sendo que tanto este trecho do rio quanto o bairro vieram de uma raiz linguística comum. Em um possível

contraponto a isso, de acordo com Brito, Silva, Sousa, et al (2014, p. 226), o rio possui este nome por causa de um caseiro, conhecido como “Seu Serejo”, que cuidava de um sítio nas terras do Coronel José Caetano Pinheiro onde parte do rio cortava o terreno. Não é citado que isso tenha a ver com a nomeação do bairro, apenas uma inferência a respeito, mas dada a carência de informações, optou-se pela versão citada por Oliveira.

Na década de 1980, dois novos topônimos surgiram ancorados ao bairro Cereja: Invasão Cereja ou Invasão do Cereja, que foram provenientes de uma parte do bairro que foi ocupada por diversas famílias, a maioria delas proveniente de outros estados (sobretudo Maranhão e Ceará) ou de outras cidades do Pará, com grande incidência também de famílias das zonas rurais de Bragança. Por falta de oportunidades empregatícias e com pouco poder aquisitivo e, em muitos casos, por baixa escolaridade, as famílias ocuparam, sem a devida permissão legal, a região da margem do Rio Cereja, construindo suas moradias, a maioria delas palafitas (casas de madeira construídas sobre troncos ou pilares para evitar o alagamento pelas águas do rio, principalmente em período de cheias). Assim, os populares se referiam a essa ocupação como invasão do Cereja, o que se tornou, eventualmente, na nomeação popular de Invasão Cereja e Invasão do Cereja. Era comum também ouvir nas falas cotidianas uma redução toponímica, fazendo uso de apenas Invasão para se referir ao trecho ocupado.

A diversidade toponímica do bairro em questão evidencia duas situações frequentes: o uso de diversos topônimos que se sucedem ao longo do tempo, como também o uso paralelo de topônimos diferentes no mesmo momento histórico. A segunda situação tem-se tornado conhecida como toponímia paralela. Sobre topônimos paralelos, convém observar o que afirmam Tavares e Santos (2023, p. 242)

Consideram-se paralelos os designativos geográficos não oficiais, surgidos espontaneamente, e também aqueles que foram oficiais em um momento da história da cidade, mas que, em determinado momento, foram substituídos por outros, e, ainda assim, continuam sendo utilizados pelos moradores da cidade.

Nota-se que, ao lado do nome oficial, moradores escolhem usar outros topônimos por razões diversas. O uso paralelo do topônimo Cereja ou Bairro do Cereja, assim como Boca da Estrada e Perpétuo Socorro por exemplo – topônimo analisado em seção posterior – ilustram a segunda situação. No caso do topônimo Cereja é possível identificar as duas situações: tanto o uso sucessivo (Ora Bolas > Cereja > Invasão do Cereja ...etc) quanto o uso paralelo dos topônimos (Cereja ~ Bairro do Cereja ~ Invasão do Cereja ~ Invasão Cereja ~ Bairro do Cereja). As explicações para o surgimento de novos topônimos e seus usos sucessivo ou paralelo

certamente são um forte indicador da vinculação social, histórica e cultural da nomeação toponímica.

Em 2015, foi realizado o projeto “Minha Casa Minha Vida”, pelo Governo Federal, e cerca de 50% das famílias dessa “invasão” foram remanejadas para outro local com moradias próprias e mais seguras. Mas muitas famílias ainda permaneceram no local, seja por apego ou por outras motivações. Outra curiosidade sobre o Bairro Cereja, segundo Oliveira (2017), é que é um dos bairros marcantes de Bragança por suas histórias de assombrações e lendas urbanas.

JIQUEIRI

Jiquiri é o nome de **uma** planta trepadeira da família *Solanaceae* ou Solanácea, conhecida também como jucuri, caruru-espinho, jequirioba, juá, juqueri. Sua etimologia vem do tupi *yusi’ri*, sendo *yu* como “espinho”. Dada sua incidência na região após a Ponte do Sapucaia, onde se localiza o Bairro do Jiquiri, o bairro foi batizado com o nome da planta. Oliveira (2017, p. 145) traz um relato de um antigo morador do lugar, Inácio Silva, musicista da Banda Cantídio Gouvêa:

Quando meus pais se mudaram para este sítio, continuei achando que isto tudo era invenção. Nunca achei sequer [ipsis litteris] em livros. Mas, assim que resolvemos construir uma casa aqui, notei a plantinha espinhenta. Mamãe identificou como o tal jiquiri. Esperamos crescer. São lindos frutos atrativos – rajados de verde e branco como pequenas melancias. Já as folhas, são protegidas por espinhos. Não só nos galhos mas nas próprias nervuras, e elas, sim, são comestíveis e gostosas.

MORRO

Seguindo o significado do termo “morro”, a região onde hoje é o logradouro era chamada assim por possuir uma pequena elevação, um pequeno monte. Este morro foi usado em 1945 como marco de encerramento das missões Salesianas em Bragança, no qual foi erguida uma cruz de, aproximadamente, 10 metros ao lado da Escola estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Francisco de Paula Pinheiro que, na época, era chamada de Grupo Escolar Dr. Paula Pinheiro. Com a reorganização urbana da cidade em meados do século XX, preservou-se o topônimo do bairro como “Morro” ou “Bairro do Morro”. De acordo com Bragança (1965, p. 145), a região que pertence a este logradouro anteriormente era parte do bairro Alegre.

PADRE LUIZ

O bairro Padre Luís foi criado por meio da Lei nº 22 de 7 de outubro de 1948, pelo prefeito Oscar Alcioli Vasconcelos, como projeto de lei do vereador Mário Queiroz do Rosário. A região do bairro foi doada para a Prelazia do Guamá, pelo Tenente Coronel Aluísio Pinheiro Ferreira, devido ao desenvolvimento de trabalhos sociais realizados pela entidade religiosa no espaço, tais como hospital e maternidade.

Foi nomeado em homenagem ao Padre Luiz Gonzaga Maria Freire de Almeida, o qual nasceu no Rio de Janeiro e foi para Bragança em dezembro de 1940 para trabalhar na Prelazia do Guamá. Atuou como Vigário da Paróquia de Bragança, Superior da Comunidade dos Barnabitas e Diretor do Instituto Santa Teresinha, uma renomada escola católica particular da cidade. Veio a falecer em 19 de janeiro de 1946, na Casa de Saúde, no Rio de Janeiro, circunstância de uma tuberculose que o acometera por cerca de um ano. Após sua morte, com a oficialização do bairro em 1948, foi homenageado em reconhecimento aos seus serviços prestados à Bragança.

Além do logradouro, o topônimo “Padre Luiz” também é utilizado para nomear uma escola da cidade, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Luiz Gonzaga, ou somente Escola Padre Luiz. Devido a isso, ocasionalmente ocorre conflito de compreensão em conversas cotidianas sobre o objeto de referência do topônimo em questão; “Mas você está dizendo Padre Luiz a escola ou o Bairro Padre Luiz?”, por exemplo. Vale ressaltar que esse logradouro é conhecido, também, por suas estórias de assombração.

PERPÉTUO SOCORRO

Anteriormente era chamado de “Boca da Estrada”, mas com a influência religiosa o topônimo “Perpétuo Socorro” teve maior visibilidade. Iniciou-se em 12 de fevereiro de 1959 quando o Padre Miguel Giambelli, Vigário de Bragança na época, lançou a pedra inaugural do Santuário Nossa Senhora Perpétuo Socorro. Com a construção sob orientação do Padre e Engenheiro Civil Francisco Borsani, a igreja foi inaugurada em 1962. Devido ao crescimento religioso que o Santuário obteve ao longo dos anos, em 29 de junho de 1977, o então Administrador Apostólico Monsenhor Miguel Giambelli, separou juridicamente a região da Paróquia Nossa Senhora do Rosário e criou a Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Foi, assim, graças a essa influência religiosa que o topônimo “Perpétuo Socorro” se destacou mais que “Boca da Estrada”, ganhando, assim, a nomeação oficial do bairro.

Importa ressaltar, no entanto, que até os dias de hoje é comum moradores, sobretudo os mais antigos, se referirem ao bairro como Boca da Estrada, mas já é perceptível a obsolescência do uso desse topônimo na atualidade. Embora ainda não tenhamos uma explicação precisa para a motivação desse topônimo, nossa hipótese é a de que pode estar relacionada à própria

localização do bairro que iniciava na grande via que dava acesso à entrada e saída da cidade, que seria a “boca” que inspirou o topônimo.

RIOZINHO

A região ficou popularmente conhecida por “Riozinho” justamente por possuir um riacho que corta o bairro e deságua no Rio Caeté. Quando foi oficializado como bairro na reorganização urbana de Bragança, aproveitaram o topônimo popular para sua nomeação. Uma curiosidade do bairro é que possui muitas elevações geográficas, sendo conhecido por suas ruas cheias de ladeiras, característica pouco comum na região. Isso dificultava o saneamento básico do local, o qual foi realizado somente em 2003, pelo Prefeito José Joaquim Diogo.

SAMAUMAPARA

O topônimo do bairro faz alusão à samaúma ou samaumeira, considerada uma das maiores árvores da região amazônica, que faz parte do imaginário popular amazônida em lendas e mitos. Segundo Arnaldo Quispe, jornalista acreano que administra o blog Terras Nauás, um site de curiosidades do imaginário popular regional:

a Samaúma tem na sua base (sacupema) uma grande porta invisível aos olhos humanos, usada para se comunicar com mundos existentes. Esta porta é uma passagem de trânsito entre os mundos humano e o universo espiritual amazônico. Por esta porta entram e saem seres mitológicos da “Selva Mãe” e em especial muitas vezes se fala de uma bela garota que vive na árvore e que representa o espírito essencial da samaúma. Quando moça, havia sido uma grande curandeira e protetora dos animais e plantas da floresta amazônica.

Diz a lenda que em tempos antigos esta curandeira testemunhou a morte de seu marido pela picada de uma cobra venenosa. Na ocasião, era uma jovem inexperiente e não o pode curar. A vida de seu marido foi extinta em seus braços, sem conseguir salvá-lo. Depois de recuperar o ânimo perdido dedicou sua vida a curar mordidas e picadas de cobras e outros animais peçonhentos. Foi a melhor curandeira nesse sentido. Ela descobriu um remédio natural para tais acidentes ofídicos: usando tubérculos da planta jérgon sacha (*Dracontium lorettense*) como um cataplasma. Depois de curada, a vítima poderia encarnar o espírito da serpente como seu animal protetor, além de ter uma maior imunidade contra as picadas.

Quando seu filho mais velho cresceu e se tornou curador como sua mãe, sofreu uma estranha picada de cobra, que não encontrou antídoto eficaz. Como sua mãe não conseguia encontrar a cobra que havia causado essa tragédia, optou por uma medida radical: usando rapé,

conversou com o espírito da planta e esta lhe disse que se queria que seu filho vivesse, deveria dar seu espírito em troca, na base da samaúma (sacupemas). Como ela não tinha dúvidas, deu a sua própria vida para que o seu filho novamente encontrasse saúde. Dessa forma, seu filho se recuperou a tempo e sua mãe passou a ocupar um lugar de honra no reino da floresta e desde então passou a viver para sempre na samaúma. A “Mãe Samaúma” é um espírito que protege e está sempre atenta a tudo que acontece na grande floresta verde. Olha e protege com sua poderosa energia todos os seus irmãos mais novos, sejam plantas ou animais da selva. (Quispe, 2013).

Em 08 de março de 1882, João Raimundo Lameira, um agrimensor, levou ao conhecimento da Secretaria da Prefeitura Municipal de Bragança a medição e demarcação de posse da região do sítio chamado “Samaumapara”, uma área de terra de cerca de 1000 braças em circunferência (aproximadamente 2200 metros de circunferência) que antes pertencia ao Coronel Antônio Caetano Ribeiro. Em 1969, a área foi desapropriada pela prefeitura e entregue para povoamento, mantendo o topônimo de “Bairro do Samaumapara”. Vale destacar que não há provas de que o nome se deu devido à existência de samaumeiras no local, mas sim pelo nome que o sítio já possuía; pode-se inferir, com isso, que o sítio tenha sido nomeado por ter essas árvores no local, mas pela falta de provas documentais não se tem comprovação disso; então, em linhas gerais, o bairro foi nomeado graças ao topônimo que o sítio do local tinha.

TAÍRA

Segundo Oliveira (2017, p. 147), o topônimo Taíra teria sido atribuído ao bairro pelos espanhóis quando da presença deles na região, no entanto essa informação ainda requer mais aprofundamento haja vista que Bragança foi um espaço de intensos contatos entre povos distintos, como os povos indígenas, espanhóis, portugueses etc por exemplo. Nesse sentido, os moradores locais se referiam ao local como Traira, principalmente os que pescavam em um lago na entrada do “Beco do Suvaco” ou “Suvaco”, uma passagem que ladeava a avenida Polidório Coelho que, atualmente, ascendeu ao status de Rua. O termo “Traíra” não se refere a uma pessoa que engana outra, como sua significação popular indica, mas sim ao nome de um peixe de água doce comum na região, que em Tupi, de acordo com Veigas (1971), se pronuncia *Taraira*, o que pode ter influenciado uma mescla entre as palavras “Traira”, “Traíra”, “Taraira” e “Taíra”.

Esse pescado era bastante consumido naquela época no lago do “Beco do Suvaco”, o que influenciou na nomeação popular “Traíra” para o lugar, apesar de sua contraparte escrita conhecida na época ser “Traira” sem acento gráfico, mas isso se dá apenas por uma confusão na escrita, que não interferia na fala cotidiana dos populares do período. Assim, conforme afirmado por Oliveira (2017, p. 147), com a chegada dos imigrantes espanhóis, por volta do final do século XIX e início do século XX, houve uma homofonização do nome do local de “Traira” com “Taraira”

com “Taíra”, sobressaindo-se com o tempo a forma “Taíra”. Então, com a reorganização urbana da cidade no século XX, foi utilizado o topônimo “Taíra” na nomeação do logradouro.

VILA NOVA

É um logradouro extraído de espaços dos bairros Morro e Taíra, nomeado com o termo “vila” por ter tido algumas áreas ocupadas, chamadas popularmente de “Invasão”, e essas ocupações se assemelhavam a vilas, sendo, algumas das mais conhecidas a “Invasão do Júlia Quadros” e a “Invasão do Marrocos”. Em 12 de abril de 1966, o projeto de lei nº 2199 foi apresentado e, três dias depois, o prefeito na época, José Maria Machado Cardoso, sancionou a lei nº 1372, denominando a área como “Bairro da Vila Nova”.

A mudança do topônimo de uma localidade além de revelar as discrepâncias entre o topônimo oficial e as denominações preferidas pelos moradores, também constitui um importante indicador das articulações entre língua, poder territorial e identidade, conforme argumenta Seide (2018, p. 162-163)

Na área da Geografia cultural, outras pesquisas evidenciam a relação entre a nomeação ou renomeação toponímica e o estabelecimento e/ou mudanças de relações de poder. Corrêa mostra que, quando um território é objeto de disputa, a toponímia funciona como um fator que articula língua, poder territorial e identidade.

No Brasil há exemplos abundantes, em diferentes períodos históricos, em que as renomeações toponímicas fizeram parte de um método de controle político. É bastante representativo dessa situação o que afirma Seide (2018, p. 163)

Análises de renomeações ocasionadas por circunstâncias políticas também podem ser encontradas em pesquisas realizadas no âmbito da Linguística. Frosi, Faggion e Dal Corno estudaram a substituição dos topônimos das vias principais das cidades gaúchas de Caxias do Sul e Bento Gonçalves entre 1930 e 1945, no período histórico conhecido como o Estado Novo de Vargas. As pesquisas revelaram que topônimos que homenageavam italianos ou imigrantes de italianos foram retirados e, em seu lugar, surgiram topônimos que reverenciavam personagens históricas brasileiras (2010, p.160). Após a Segunda Guerra Mundial, “observou-se um retorno aos nomes italianos na hodonímia das duas cidades” (2010, p.161). O estudo realizado por elas é comparável ao realizado por Seemann que analisou como, no mesmo período histórico, vários nomes de município foram substituídos por nomes tupis, no estado do Ceará (2005).

A esse respeito, Dick (1990, p. 93) também comenta sobre outro momento histórico em que o representante do Marquês de Pombal, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 1758, substituiu topônimos brasílicos por nomes de cidades portuguesas. Tais substituições toponímicas fizeram parte de um projeto político de controle em que a língua (o topônimo) foi utilizada como instrumento.

Assim, a compreensão da nomeação toponímica como estratégia de dominação assenta-se em fartos exemplos do período da colonização no Brasil (Seide, 2018) em que as nomeações toponímicas ocorriam, não como obra do acaso, mas como método de controle. Essa articulação entre língua, poder e identidade justifica o fato de que os estudos toponímicos têm uma natureza eminentemente interdisciplinar, requerendo o diálogo com vários campos do conhecimento.

VILA SINHÁ

A família Pinheiro Ferreira foi uma prestigiosa família de Bragança, tendo o Coronel Raimundo Nazeazeno Ferreira sido prefeito da cidade, o qual teve, inclusive, seu nome dado para homenagear a avenida principal da cidade, a Avenida Nazeazeno Ferreira. No início do século XX, essa família possuía uma grande área de terra, que ia da margem do Rio Grande até à Rodovia Santos Dumont, atual Avenida Santos Dumont³. Com os avanços da Prelazia Municipal na criação de hospital e maternidade, a área começou a ser desmembrada e, por volta da década de 1970, o prefeito José Maria Cardoso interessou-se pela criação de um estádio municipal em um espaço da área onde havia um campo de futebol para jovens e adultos. A ideia não foi logrou êxito, pois, segundo Oliveira (2017), questões políticas impossibilitaram o intento.

Mas foi construído no local o Conjunto Ruth Passarinho que, atualmente, pertence ao território do Bairro Padre Luiz. A área já sofria algumas ocupações de terra, por parte de populares, com algumas “Invasões” na região, então cada vez mais a terra da família Pinheiro Ferreira sofria desmembrações. Oliveira (2017) cita que a família “abriu mão” da terra. Então, como forma de homenagem à família, pelos serviços prestados à Bragança, o espaço foi nomeado como “Bairro da Vila Sinhá”, com o termo “Sinhá” fazendo referência Melquíades Pinheiro Ferreira, esposa do ex-prefeito Cel. Raimundo Nazeazeno Ferreira, que era conhecida pela alcunha de “Sinhá”. Uma curiosidade sobre o logradouro é que é o maior bairro, em termos de território, da cidade de Bragança.

Os breves comentários sobre os topônimos referentes aos bairros de Bragança, revelam os enlaces que o signo toponímico tem com os aspectos históricos, sociais e culturais da vida humana entre outros. É perceptível que os topônimos em questão contam a história do município

3 Observação: a cidade de Bragança possui duas ruas com o topônimo Santos Dumont, porém possuem diferenças de local e funcionalidade, sendo uma na função de Travessa e a outra na função de Avenida.

de Bragança, em vários aspectos: a) a presença de povos originários, os indígenas, na origem do lugar; b) a presença indígena sobrevivente na etimologia do topônimo; c) a distribuição e constituição dos espaços da cidade; d) a religiosidade marcante do lugar; e) os problemas sociais ligados à questão da terra; f) a vegetação presente no local; g) migrações e êxodos rurais; h) a presença europeia e as missões religiosas no local.

Assim, o material toponímico apresentado neste estudo, constitui-se como dado adicional que reforça o que tem sido largamente difundido nos estudos onomásticos sobre o caráter interdisciplinar do signo toponímico.

Considerando a taxonomia proposta por Dick (1980; 1990), os topônimos analisados neste estudo, em sua fase atual e oficial, equilibram-se, sem diferenças discrepantes, entre as taxas de natureza física e as de natureza antropocultural. Sete topônimos como Centro (morfotopônimo), Cereja (fitotopônimo), Jiquiri (fitotopônimo), Morro (geomorfotopônimo), Riozinho (hidrotopônimo), Samaumapara (fitotopônimo) e Taíra (zootopônimo) vinculam-se à natureza física, ao lado de seis topônimos vinculados a uma natureza antropocultural como Alegre (animotopônimo), Aldeia (poliotopônimo), Padre Luiz (hierotopônimo), Perpétuo Socorro (hagiotopônimo), Vila Nova (poliotopônimo) e Vila Sinhá (poliotopônimo).

Importa ressaltar, no entanto, que o uso dos topônimos no cotidiano pode revelar um quantitativo que difere desse que ora apresentamos, haja vista a ocorrência da toponímia paralela conforme já visto em Tavares e Santos (2023). Os topônimos paralelos referentes aos bairros de Bragança-PA, por vezes, são mais conhecidos do que os topônimos oficiais como é o caso dos topônimos Perpétuo Socorro e Boca da Estrada, que, embora o topônimo oficial Perpétuo Socorro esteja se sobrepondo ao topônimo Boca da Estrada, houve um tempo em que era preferido pelos moradores. Além disso, frequentemente, os topônimos paralelos espelham, de maneira bem mais clara as características do bairro.

Convém reiterar que, para uma compreensão sólida das renomeações toponímicas, das sucessões toponímicas e da toponímia paralela há que se empreender um estudo eminentemente interdisciplinar, por meio do diálogo com vários campos do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde ser percebido, a toponímia dos bairros de Bragança reflete a história da cidade em suas diversas fases ao longo do tempo. Alguns bairros como Jiquiri, Morro e Riozinho, por exemplo, têm seus topônimos atribuídos, principalmente, em alusão ao espaço físico do logradouro; outros como Padre Luiz, Perpétuo Socorro e Vila Sinhá se mostram como forma de homenagem a indivíduos ou santidades que foram importantes para o bairro ou para a cidade como um todo; os bairros Centro e Vila Nova, que foram planejados e organizados, seja de forma

intencional (o bairro Centro) ou por necessidade (como o bairro Vila Nova), mostram a intenção dos nomeadores: no primeiro indicar a posição no cenário bragantino – é o “centro” da cidade –, e no segundo a intenção da necessidade – é a “Vila Nova” da cidade –; e há ainda outros em que a fama popular de algo concreto ou abstrato em seu território foi o principal fator de sua nomeação como Aldeia, Alegre, Cereja, Samaumapara e Taíra.

De modo geral, percebe-se um conjunto de motivações na escolha dos topônimos, que resultaram de uma convergência de realidades socioculturais encontradas a partir de um ponto comum: a região bragantina. Dentre essas motivações há as que se basearam nas características físicas do espaço, sendo os bairros Taíra, Jiquiri, Morro e Riozinho, e outras que enredaram pela antropoculturalidade local, sendo Aldeia, Alegre, Cereja, Samaumapara, Padre Luís, Vila Sinhá, Vila Nova, Perpétuo Socorro e Centro.

Ao longo da existência da cidade de Bragança, esta passou por diversas situações de contato com outros povos e culturas. As marcas desses contatos se revelam na diversidade cultural que marca a identidade e o imaginário local. Além disso, com o passar do tempo e com o crescimento urbano da cidade (expandindo de povoado a vila e de vila a cidade), as marcas antropoculturais foram sobrepujando as marcas físicas do espaço, o que pôde ser percebido não somente na paisagem bragantina com o passar das décadas, como também na toponímia dos bairros, em que a sobreposição de topônimos criados a partir de marcos humanos é notoriamente superior aos baseados na geografia do local.

Há, ainda, topônimos como Cereja e Samaumapara que carregam características físicas que podem ter sido usados em algum momento (no Cereja, o rio e no Samaumapara, a árvore samaúma) mas o que motivou sua denominação foi alguma influência humana (sendo o primeiro referente ao nome do dono do sítio – o senhor Cereja – e o segundo em referência ao sítio que havia no local – sítio Samaumapara).

Por fim, entende-se que este breve estudo, ainda que parte inicial de uma pesquisa mais ampla, consegue revelar que a pequena história de cada topônimo dos bairros de Bragança reúne indícios e vestígios da grande história do município, gestada durante séculos, o que reitera o fato de que os topônimos têm o potencial de contar a história da cidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, S. A. L. A escala bairro e o conceito de lugar urbano: o caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife. *PosFAUUSP*, São Paulo, Brasil, n. 15, p. 56-74, 2004. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v0i15p56-74. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43372...> Acesso em: 30 de abr. de 2024.

BRAGANÇA, Cidade de. *História de Bragança*. Prefeitura Municipal de Bragança, 1965.

BRASIL. *Cidades e estados: Bragança*. IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/braganca.html> Acesso em: 17 de jul. de 2023.

BRASIL. *Município de Bragança-PA: Programa de Integração Mineral em Municípios da Amazônia - PRIMAZ*. Serviço Geológico do Brasil / Ministério de Minas e Energia, 1998.

Disponível em:

<https://rigeo.cprm.gov.br/bitstream/doc/14754/2/Mapa%20Pol%C3%ADtico.pdf> Acesso em: 09/03/2024

CARVALHINHOS, P.; LIMA, A. T. Toponímia, teoria e método. *Retratos de tradição e inovação*. Linha D'Água: São Paulo-SP, v. 36, n. 01, p. 1-20, jan.-abr. 2023

CARVALHINHOS, P.; SANTOS, C. A. N. Os nomes próprios entre o logos e a práxis. A busca pela interdisciplinaridade na Onomástica brasileira. *Domínios de Linguagem*: Uberlândia-SP, vol. 15, n. 2, p. 263-298, abr. - jun. 2021.

CASA DE BRAGANÇA. *O arquivo nacional e a história Luso-Brasileira*, 19 de novembro de 2021.

Disponível em:

http://historialuso.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5961:casa-de-braganca&catid=2071&Itemid=121 Acesso em: 31 de jul. de 2023.

CAVALCANTE, M. S. D.; SANTOS, D. B.; SANTOS, A. M. A. e. Toponímia em destaque: um olhar para a história, a cultura e a língua de uma comunidade. In: *Cadernos do CNLF*, vol. XXII, n. 03, Textos Completos, Tomo II. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 801-814, 2018.

DICK, M. V. P. A. A estrutura do signo toponímico. *Língua e Literatura*, São Paulo, Brasil, n. 9, p. 287-293, 1980. DOI: 10.11606/issn.2594-5963.lilit.1980.115875. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/linguae-literatura/article/view/115875..> Acesso em: 27 de jul. De 2023.

DICK, M. V. P. A. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, FFLCH-USP, 1980.

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. São Paulo: acervo FFLCH-L3, 1990.

Enzo: nome “virou moda” após o nascimento do primogênito de Claudia Raia. *O Tempo*, 21 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/enzo-nome-virou-moda-apos-o-nascimento-do-primogenito-de-claudia-raia-1.2737713> Acesso em: 29 de jul. de 2023.

FUNDO AMAZÔNIA. *Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS)*, 05 de agosto de 2021. Disponível em: <http://geo.fbds.org.br/PA/BRAGANCA/MAPAS/> Acesso em: 29 de jul. de 2023.

MUNICÍPIO DE BRAGANÇA. *Cidade-Brasil*, 08 abril de 2021. Disponível em:

<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-braganca.html> Acesso em: 29 de jul. de 2023.

OLIVEIRA, J. R. G. *Alma das ruas*. Belém: IOE, 2017.

PAULO, P. *Um topônimo bem paraense*. Mucutufa. 06 de setembro de 2010. Disponível em: <https://nortemixado.blogspot.com/2010/09/parateua-teua-deua-e-um-toponimo-que-so.html> Acesso em: 19 de set. de 2023.

PEREIRA, B. C. *Sinopse de Bragança*. Belém: Imprensa Oficial, 1963

QUISPE, A. A Mãe Samaúma. *Terra Náuas*, 12 de maio de 2013. Disponível em: <http://terranauas.blogspot.com/2013/05/a-mae-samauma.html>

SEIDE, M. S. Nomeação e territorialização no bairro Vila Zelina em São Paulo, no Brasil. *Revista Fórum Identidades*. |Itabaiana-SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 26, p. 161-178, jan.-abr. de 2018.

SOUSA, A. M; DARGEL, A. P. T. P. *Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces*. GTLex: Uberlândia-SP vol. 3, n. 1, p. 1-22, jul. - dez. 2017,

TAVARES, M; SANTOS, M. S. Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória. *Revista do GEL*, v. 20, n. 1, p. 241-266, 2023.

Tipos de bairros: como escolher o melhor para você e sua família. *Direcional*, 28 de abril de 2022. Disponível em: <https://direcional.com.br/blog/lugares-para-morar/tipos-de-bairros-como-escolher-o-melhor-para-voce-e-sua-familia/> Acesso em: 19 de set. de 2023.

VIEGAS, A. P. *Vocabulário Português/Tupi e Tupi/Português*. Instituto Agrônomo: Campinas-SP, 1971.

RODRIGUES, D. B. *Bragança, uma história da terra de caa + y + eté*. Bragança-PA. Disponível em: <http://profdariobenedito.blogspot.com/2010/07/braganca-uma-historia-da-terra-de-caa-y.html> Acesso em: 31 de jul. de 2023.

RODRIGUES, D. B. *Os bairros de Bragança*. Prof. Dário Benedito, 21 de mar. De 2011. Disponível em: <http://profdariobenedito.blogspot.com/2011/03/os-bairros-de-braganca.html> Acesso em: 18 de jul. de 2023.

AUTORIA

Emanoel Avelino Câmara é graduado em Letras - Habilitação em língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará (2022), Campus de Bragança-PA. Atualmente atua como professor de Língua Portuguesa e Redação para cursos preparatórios de Pré-Enem, Vestibulares e Concursos Públicos, sendo também atuante enquanto professor substituto no Ensino Básico, para Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio.

Tabita Fernandes da Silva é docente da Faculdade de Letras (FALE) e do Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA), da Universidade Federal do Pará-UFPA, Campus de Bragança-PA. Tem formação em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Mestrado em Linguística pela mesma universidade. Doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (UNB).